

PAI POETA

Agora que possuo um site universal, todos vocês meus amigos poderão conhecer a minha estória:

PAI POETA

As fábricas de pão de Gaitum trabalhavam naquela noite com as fornalhas aquecidas em grau máximo para a produção dos maravilhosos pães de todos os tipos e sabores que abasteceriam metade da ilha de Rostand.

A ilha de Rostand, desde tempos imemoriais, permanecia com suas encostas cobertas de névoa e maresia. A metade da ilha, onde a nação Gaitum se desenvolvera, era, no entanto, pobre em árvores de madeira nobre para a exportação ultramarina. Este fato deixava indignada a população de Gaitum e seus governantes, quando constatavam que a poucos quilômetros da sua fronteira existia madeira nobre e succulenta, excelentemente apta para a produção de papel apropriado para embrulhar os produtos da padaria extraordinária de Gaitum. Do outro lado da linha de fronteira, delimitada por uma seqüência de imponentes eucaliptos nobres, existia o domínio de Poetum, um reino afável de indivíduos produtivos e diligentes que obravam a terra, nos ofícios da produção industrial básica, de indumentária e artes. Estas insuflavam as mentes e os talentos dos seus fazedores de poesias.

Gaitum era um reino maior, possuía um exército poderoso e facilmente irritável, porém contido na fronteira pelas artimanhas dos embaixadores de Poetum. As finanças de Poetum eram equilibradas e seus embaixadores, através de pequenos presentes pecuniários, dirigidos aos generais de Gaitum, conseguiam segurar seus ímpetos e espadas. A massa trabalhadora, os intelectuais e até mesmo os militares de Poetum se divertiam escrevendo poesias. Toda esta produção de poesias esquentava disputas aguerridas nos folguedos dos períodos de folga daqueles trabalhadores. A produção de trovas, poesias e sonetos, era espontânea, profusa e adornada com grande engenhosidade como se aqueles indivíduos tivessem contato direto com todos os povos dos continentes onde jamais haviam estado. Os habitantes de Poetum trabalhavam cantando trovas. Nas noites de festas, as mocinhas

ouviam poesias e galanteios. Os rapazes faziam galanteios ornados de versos e medidas que só findavam em romances onde as almas se derretiam cobrindo seus corpos jovens e belos. Alguns indivíduos eram poetas de renome que paravam multidões para ouvir em qualquer esquina seus gorjeios e trejeitos, enfeitando estrofes e poesias inteiras. Eram, assim, admirados e amados. O maior volume de produção de poesias de Poetum vinha, na verdade, de produção anônima daqueles que, letrados ou não, mesmo acanhados em público, mas leões de juba eriçada no pacato escritório do lar, produziam bateladas de versos palpitantes que depositavam durante a noite em lugar apropriado. Era um hábito nacional em Poetum, durante a madrugada, que aqueles poetas tímidos e produtivos acessem a janelinha de ferro, sempre aberta, na Padaria Central de Poetum e lá, sorratamente, depositassem seus textos, curtos ou longos, para que os escribas do reino, especialmente reunidos naquela Padaria Central, pudessem copiar as trovas em folhas de papel de embrulhar pão. Em todas as manhãs, ao desembulhar seu pão, todos podiam ler poesias bem frescas, delineadas no papel e cuidadosamente formatadas pelos escribas que, naquele país, trabalhavam lado a lado com os padeiros. Desta forma, tendo poesias de diversos estilos, matizes e tendências, as mocinhas de Poetum acabavam adquirindo um apuro poético extremado que fazia os estilos e produções nacionais melhorarem a cada ano.

– Mãe, você vai na apresentação dos novos poetas? – perguntou Ailin, a menina de tranças alouradas, inclinando o rosto e abrindo os olhos.

– Acho que não posso, porque tenho de bordar o traje de noivado de sua irmã.

– Eu quero, eu quero ir!

– Você tem de falar com ela; se ela e o noivo tomarem conta de você...

As tertúlias em Poetum eram encontros aprazíveis que ocorriam sempre na praça principal, ao entardecer, com uma lua alvissareira surgindo no céu e uma brisa de noite fresca agitando a atmosfera. A figueira gigantesca da praça central abrigava toda a gente que se sentava em suas imensas raízes para ouvir os artistas, os poetas, com suas novidades.

– Pai, você pode ir comigo na apresentação de hoje? Hoje é sexta-feira

– disse Ailin segurando as pontas de sua saia rodada.

– Bem, filha; não sei ainda; você sabe que sou um homem do trabalho e não entendo disso, desse troço de poesia – disse o mestre padeiro, chefe da Padaria Central.

A situação na fronteira de Gaitum e Poetum havia se tornado tensa. A fronteira de eucaliptos que antes era vigiada simplesmente por fiscais aduaneiros desarmados, agora era guardada por lanceiros e arqueiros fortemente armados. Os passantes eram minuciosamente revistados. As cargas de importação eram verificadas e muitas vezes irritantemente conferidas, pesadas e avaliadas. O reino de Gaitum estava intrigado e espezinhado pelo fato de que o seu produto principal

– o trigo (que produzia um pão digno do Olimpo) não podia ser exportado para além da ilha, porque o reino não possuía uma indústria de papel e muito menos árvores para sua produção de papel destinado embalar pães. O reino de Poetum tinha muitas árvores e muito papel que era utilizado todo na produção de peças para a criação artística e, principalmente, para a escrita comercial e técnica, mas também para embrulhar os pães e escrever as poesias de seus habitantes. Não sobrava muito papel para ser comercializado com Gaitum que, reiteradas vezes, tentara sua importação sem sucesso.

Em Poetum, todas as manhãs, frias ou cálidas, as mocinhas acordavam um pouco excitadas pela possibilidade de encontrar a poesia de seu amado e pretendente depositada no papel acinzentado que embrulhava o pão. O café da manhã em Poetum era ornado com café quente, pão fresquinho e, também, de sentimentos ardentes ou racionais que tornavam aquelas vidas mais palpitantes. Dessa forma, o alimento para o corpo era absorvido enquanto a alma daqueles seres predispostos ao enlevo poético era adocicada com pérolas da poesia poetuniana.

– A fronteira está muito tensa, majestade!

– Embaixador Plonk, eu não quero queixas; eu quero soluções. Aja mais! Envie uma tropa de elite e faça demonstrações militares bem junto à fronteira, e pronto! – disse o rei Augustin, gesticulando muito e andando de um lado para o outro.

– Mas, majestade, a fronteira é grande e...

– Você se lembra de uns dez anos atrás, Plonk? A correria, a incorporação açodada de dez mil conscritos, o treinamento na fazenda de Ull?

A matança de animais no treinamento urgente e tudo mais, e no que deu? Manobras e mais manobras militares, e tudo foi resolvido na base da política, meu velho...

– Eram outros tempos, majestade, e não havia o problema do papel... da exportação dos pães...

– A velha e boa política, a política de relações exteriores – disse o rei Augustin, mostrando sabedoria empilhada na mesa real.

– Faça ver a eles que nosso exército pode ser menor, mas é de elite e é especial. Faça ver a eles que não queremos guerra, mas que sabemos fazê-la.

– Majestade, há cinco séculos que não fazemos guerra!

– Plonk endemoninhado, a memória de toda gente é curta e o relato de uma guerra passada há séculos parece o de uma guerra de ontem mesmo, e assim, tudo vira uma lembrança ameaçadora; e pronto!

– Vossa majestade quer que eu desloque os cinco mil guerreiros com adagas gigantes?

– Sim! Esses mesmos! Os degoladores. Numa fração de segundos nenhum combatente ficará em pé!

Ojeriza a guerra... a qualquer guerra. Este era o sentimento do povo de Poetum. Mesmo nas datas comemorativas de alguma epopéia do reino, os habitantes de Poetum fiavam desconfortáveis nos trajes e insígnias militares. As armas pareciam de chumbo e as botas, de pedra, nos soldados que desfilavam nas ruelas daquela pátria insular.

Majestade! Majestade! Pare um segundo – disse Plonk com a face afogueada.

– A situação é muito mais séria do que imaginamos. O reino de Gaitum colocou vinte mil arqueiros ao longo da fronteira norte, majestade!

– Senhor Plonk, não seja tão medroso! Coloque então dez mil escudeiros do nosso lado da fronteira norte, portando nossos famosos escudos recobertos de cascas de sequóia que, sabidamente, são impenetráveis; e pronto!

– Mas... Mas...

– Faça demonstrações com “fogo amigo” sem ferir ninguém. Logo eles vão saber com quem estão lidando. – disse o rei com as mãos para trás, andando até a janela.

Gaitum queria papel para embrulhar e transportar seu maravilhoso pão. Poetum queria papel de pão para tornar a vida mais amena logo pela manhã. Eram reinos amigos, ou quase amigos. Há séculos sabiam que numa ilha isolada no meio do imenso oceano, a boa convivência entre vizinhos era o instrumento primordial para conservar a paz e a prosperidade. Poetum sempre se articulava muito bem nos meandros da política comercial, da política financeira e no controle da fronteira linear que, como o diâmetro de uma grande bola se estendia de uma praia no sul da ilha até uma encosta escarpada no norte. Mas agora, um objeto de adoração nacional – a poesia – e, sua ferramenta de propagação – o papel de pão –, estavam ameaçados por questões meramente comerciais que poderiam ser superadas de alguma maneira peculiar. Os magníficos estrategistas de Poetum estavam de plantão permanente no palácio de sua majestade Augustin para tentar descobrir e propor uma solução ao reino de Gaitum. Naquela época, realmente não existiam modos de embalar os derivados do trigo, a não ser em papel e, mesmo assim, essa forma de embalar os produtos só funcionaria para exportação com destino de curta distância. Dessa forma, Gaitum se posicionava longe de qualquer raciocínio científico e ainda, mais embalado por um ufanismo exportador desenfreado, não dava ouvidos aos protestos e às manifestações técnicas e, muito menos, políticas.

– Ah! Pai! Eu gostaria tanto de ver o senhor se apresentar numa das nossas tertúlias poéticas, pai! Ah! Eu ia gostar muito! – disse Ailin sorrindo.

– Filha, não! Não! Eu sou apenas um padeiro, especializado – é verdade

– mas não posso e não devo competir com esses jovens e maravilhosos poetas do reino!

– Você podia tentar!

– Não, não. Deixa para outra vez...

– O pai é o melhor padeiro que eu conheço; “deixa ele” desse jeito, não é? – exclamou o filho mais velho.

– Na poesia, o que eu faço é pegar os pedaços de papel, colocados de madrugada na janelinha da nossa Padaria Central e passar tudo diretamente aos copistas. Esses sim, trabalham bem no papel cinza pra embrulhar os pães!

O embaixador Plonk tinha horror à guerra. Braços e pernas destroçados com o sangue coagulado e preto à mostra. Possuía talvez um pânico ao

confronto armado e a tudo que isto significava. Resolvera, então, estudar preventivamente a situação das tropas, dos suprimentos e condições de os exércitos de Gaitum fazerem guerra. Para isso determinou a seu general que enviasse três batedores disfarçados que entrariam em Gaitum como espões para trazer as almejadas informações. Uma semana depois, numa manhã fria de julho, um garoto-mensageiro corria aos berros na rua central:

– Os batedores do reino foram descobertos e presos esta manhã em Gaitum! – gritava e corria para divulgar a má notícia daquele momento.

– Majestade! O que faremos? Os três rapazes foram detidos e talvez em breve sejam executados – disse quase chorando o embaixador.

– Calma Plonk; não se perde nem um cavalo assim! E muito menos três soldados – disse. – E por falar nisso, quem são esses jovens?

– Bem; são três soldados da unidade de inteligência avançada; são filhos do padeiro chefe da Padaria Central, majestade!

– O quê? Imagina se esse homem ficar perturbado... E o pão! E a poesia que vem com o pão! Temos de fazer alguma coisa!

O rei que governava Gaitum era determinado e justo. Nem violento, nem condescendente o bastante para perdoar a espionagem em seu território, mas tinha um ponto fraco: gostava de poesia. Colecionava às escondidas pedaços do papel de pão do reino de Poetum, com diversos tipos de poesias que relia constantemente sem revelar a ninguém. Certa vez, uma de suas mais íntimas camareiras, uma jovem de dezesseis anos, desapareceu sem ser jamais encontrada. Fora dada como morta por lagartos ferozes que sempre rondavam à noite os lagos e praias do reino. Seus restos mortais jamais haviam sido encontrados, fato explicado à época pelas condições climáticas instáveis da região. Essa jovem, na verdade fugira para o reino vizinho de Poetum para casar-se com um rapaz que trabalhava como ferreiro e artesão de sua majestade Augustin. Sendo interrogada pelo soberano de Poetum, a jovem revelou o que vira no armário do rei de Gaitum, deixando Augustin perplexo. O soberano de Poetum nada revelara aos outros habitantes, bem como colhera o juramento de segredo eterno da jovem que, como prêmio, tornara-se uma das camareiras palacianas e casara-se com um jovem artesão.

– Plonk, Plonk! Onde está você?

– Aqui, majestade! Às suas ordens!

– Vamos mandar uma mensagem ao rei de Gaitum, hoje ainda!

– Majestade, dizem que os nossos agentes, aqueles três jovens, serão executados amanhã. Serão decapitados bem junto à fronteira para que toda a população de nosso reino possa assistir!

– Por isso mesmo, Plonk, leve este documento ao soberano de Gaitum!

O embaixador Plonk tinha um anel de salvo conduto, desde que desarmado e após minuciosa revista, podia entrar no reino de Gaitum e dirigir-se diretamente ao palácio real. Foi o que ele fez, não sem antes desobedecer aos preceitos da boa convivência política e abrir o rolo de papel com o selo real onde estava escrito:

PARA CONHECIMENTO IMEDIATO DE SUA MAJESTADE O SOBERANO DE GAITUM.

O REINO DE POETUM, RECONHECENDO QUE, AO ENVIAR TRÊS ESPIONES AO REINO VIZINHO, COMETEU UMA FALTA POLÍTICA, E, PARA ABRANDAR ESTE INCIDENTE E POUPAR A VIDA DE TRÊS SOLDADOS, VEM MUI DIGNAMENTE SOLICITAR À VOSSA MAJESTADE:

- Uma disputa entre os dois reinos onde o objeto será a poesia;
- Para tanto, cada reino terá direito de declamar, escolhendo dentre os seus habitantes, duas poesias de qualquer espécie com até trinta linhas escritas;
- Os juízes serão quatro: um do reino de Gaitum, outro de Poetum e os embaixadores visitantes dos distantes reinos da Gália e Bretanha;
- Caso vença o reino de Poetum, os prisioneiros serão libertados;
- Caso vença o reino de Gaitum, o poeta escolhido por Poetum será imediatamente executado com os três espions.

O queixo do soberano de Gaitum caíra literalmente com tamanha petulância do reino vizinho, mas, a despeito de sua raiva pela invasão territorial, seu amor pela poesia e desejo de vivê-la intensamente, determinaram suas ações que foram no sentido de liberar imediatamente um mensageiro para estabelecer a data e local do certame.

O soberano de Poetum sabia quão difícil seria arranjar um contendor para representar seu reino sob condições tão peculiares e ameaçadoras.

– Plonk! Chame à minha presença Ultrid, o grande poeta competidor!

O embaixador saiu imediatamente para avisar os guardas. Em minutos a figura esbaforida de Ultrid estava a caminho do rei.

– Majestade, mandou me chamar? – disse trêmulo.

– Ultrid, meu caro, você está tremendo?

– Estou com frio, meu rei!

– Você, a esta altura, já deve saber das novidades. Bem, eu preciso de um poeta competidor para...

– Para enfrentar o reino de Gaitum, majestade! Eu sei! Eu sei! Mas...

– Ultrid, você é perfeito para a contenda! Você vende de dez a zero, meu caro!

– Mas, majestade, é muito perigoso e...

– Você aceita?

– Bem, eu... – titubeava e meneava a cabeça, o jovem poeta.

– Bem, eu, eu não posso, não tenho nervos pra isso! É morte certa!

– e caiu em prantos.

O rei, com um gesto de desprezo mandou tirar o rapaz do salão e sentiu que Poetum talvez perdesse a altivez, a estima internacional e as boas intenções de um rei.

– Majestade! Há um homem querendo falar com sua alteza!

– disse o chefe da guarda pessoal.

– Mas quem ousa nesta hora?

– É o padeiro chefe da Padaria Central, alteza! – disse o guarda.

– Ah! Neste caso mande-o entrar imediatamente, guarda!

O homem branco de cabelos negros e face sulcada entrou em passos curtos olhando para o chão.

– O senhor é o nosso grande mestre da arte de fazer pão!

– Majestade, hoje e agora sou apenas um pai aflito, com o coração partido! – disse olhando para os pés do rei.

– Anime-se, homem. Já tenho um plano para salvar os três jovens! – disse exultante o rei.

– Majestade, perdoe a minha ousadia, mas todo o reino já sabe que nenhum poeta famoso vai aceitar essa contenda sob estas pesadas condições.

– Estamos à procura, homem! Eu posso ordenar a alguém que vá, e pronto!

– Majestade! – interrompeu em tom professoral o embaixador Plonk que, calado, a tudo prestara atenção. – Não adianta nada mandar alguém forçado, porque, de qualquer forma, será derrota certa na sua totalidade e perda de quatro vidas.

– Plonk! Que ousadia! Desanimar um pai aflito assim na minha presença! – esbravejou o rei de Poetum com o cenho franzido.

– Majestade, eu me ofereço!

Uma luz brilhava nos olhos do padeiro-chefe que agora segurava atrás do corpo o chapéu e olhava altivamente na face do rei.

– Mas o senhor não é propriamente um dos próceres da nossa poesia; além do mais...

– Majestade! Eu tenho escrito algumas coisas e...

– Ele pode ser perfeito, majestade! – exclamou Plonk. – Além do mais, a sua possível veia poética poderá ser fortalecida pela força da alma de um pai ferido...

– Neste caso, eu ordeno que se façam os preparativos e vamos à luta!

Naquela noite o padeiro não dormira. Revirava suas gavetas e armários procurando sua força poética. Na verdade, Gaitum sempre infiltrara curiosos nas festanças do reino de Poetum. Muitos habitantes do país rival certamente saberiam produzir sonetos e trovas, talvez bastante propícios a uma vitória na contenda de poesias. A angústia crescia com as horas do relógio de areia. Onde um pai poderia arranjar energia, inspiração, força moral, poética vivaz e eloqüente para aplicar um golpe certo nas pretensões do adversário? Como arrumar poesias longas ou poemetos, encantadoramente curtos? Longas trovas ou mensagens românticas? Para onde se dirigir na aflição aguda que seca a boca e acelera o coração? O padeiro era um sujeito muito calmo e, agora, por causa das ameaças de outro rei, era jogado na fôrnalha das angústias, via seu cérebro de modesto trabalhador braçal e poeta bissexto, ser colocado na bandeja da exibição coletiva. Era necessário agir, trabalhar, achar o melhor de si, já colocado no papel, melhorar tudo, criar mais, arrumar...

passar a limpo... tornar tudo palatável e partir para a luta! Era a honra do seu reino e a vida dos seus filhos que estavam em jogo! O padeiro retesou todos os seus músculos, rangeu os dentes e deu um murro na mesa de madeira retalhada, soltando simultaneamente um urro de urso ferido. Abriu a porta e saiu pela madrugada afora com papel, pena e tinteiro no bolso. Rodou a cidadezinha e acabou dentro do templo principal de sua urbe. Ajoelhou-se e adormeceu, assim, com a face contrita e um pouco triste, como se estivesse predestinado ao fracasso. Uma hora depois, uma luz intensa pairou acima de sua cabeça e, como uma estranha energia magnética, seu corpo foi alçado para a posição ereta. Acordou sentindo-se calmo e descansado. Os músculos não mais estavam doídos, da maneira que se fica quando se permanece numa só e difícil posição por muitas horas. A cabeça já estava leve e o coração confiante. A dor precordial da angústia pregressa desaparecera como por encanto. A fronte repousava leve e altiva sobre olhos estranhamente lubrificadas. Sentia-se forte como Hércules. Já se sentia apto como nunca para falar em público, para recitar sem tropeços de língua, sem suar a face e as mãos. Caminhou até a região da disputa, onde um palco, feito de grandes pedras acinzentadas, já existia erguido numa extensa região. Olhou a “praça de guerra” e vacilou. Uma força desconhecida e imantada puxou-o para o local e o acalmou como se soubesse de suas mais recônditas energias verborrágicas.

O rei de Gaitum apareceu com seu séqüito, muito bem armado; postado atrás do rei, o carrasco carregando incólume enorme machado de dupla lâmina. O rei de Poetum surgiu numa vestimenta de festa, com sua guarda pessoal discretamente armada. Os embaixadores do reino da Gália e Bretanha surgiram logo depois com seus tradutores e auxiliares.

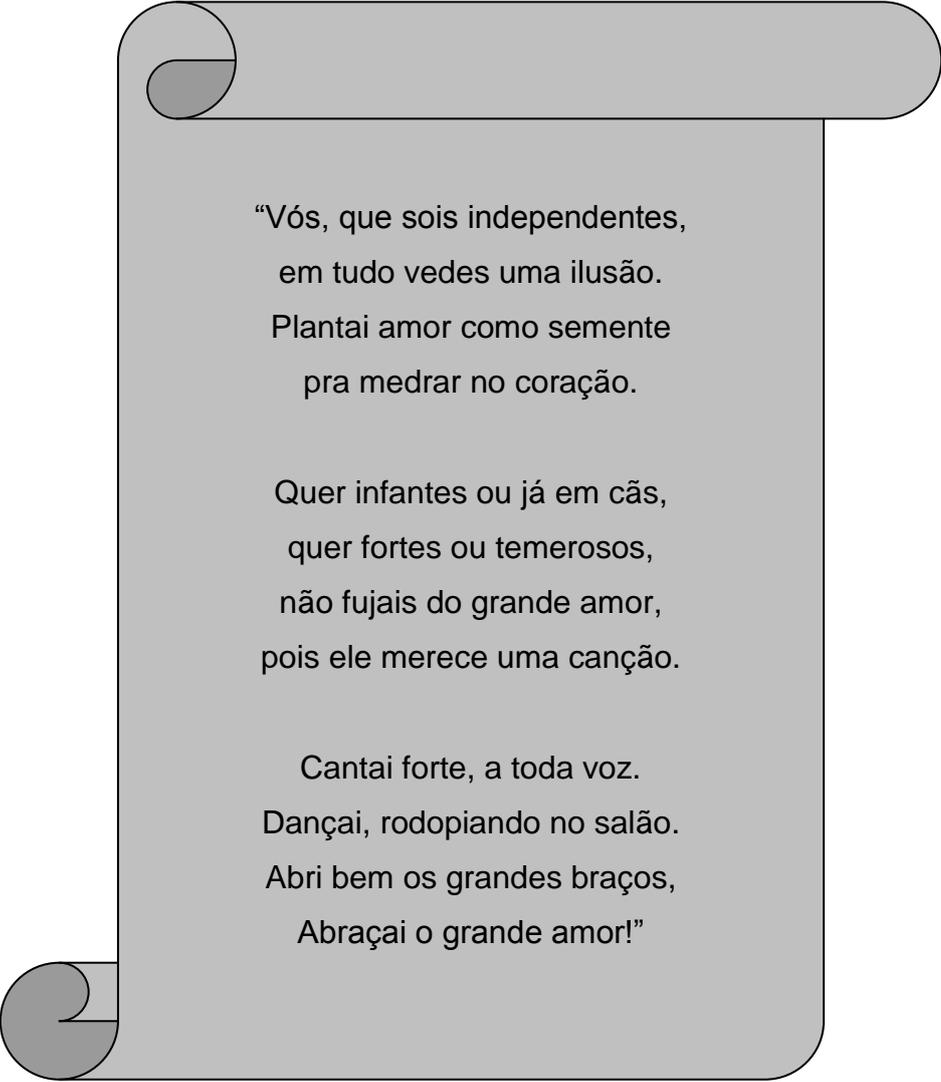
– Cidadãos dos reinos de Gaitum e Poetum! – um arauto anunciou, entre sons estridentes de clarinetes, o início da contenda.

– Começará aqui o primeiro torneio de poesia entre os reinos vizinhos desta ilha! As condições já foram acertadas entre os soberanos e, dependendo do resultado final, o carrasco será acionado. Do contrário, aqueles três espões serão perdoados e imediatamente libertados!

A multidão ovacionou quase em uníssonos e se calou como que sob ordens de uma batuta de maestro.

– Pelo sorteio, deverá se apresentar para a primeira poesia o representante do reino de Gaitum.

Um homem esguio, de cabelos loiros e porte atlético, subiu ao palco segurando um bastãozinho de pergaminho. Posicionou-se à frente dos juízes e declamou:



“Vós, que sois independentes,
em tudo vedes uma ilusão.
Plantai amor como semente
pra medrar no coração.

Quer infantes ou já em cãs,
quer fortes ou temerosos,
não fujais do grande amor,
pois ele merece uma canção.

Cantai forte, a toda voz.
Dançai, rodopiando no salão.
Abri bem os grandes braços,
Abraçai o grande amor!”

A multidão ovacionou, pulou e deu gritos de louvor, aprovando aquelas trovas tão singelas sobre o amor. O padeiro tinha a face tensa e o corpo retesado. Não tinha papel com escrita nem pergaminho e sentia o peito cheio de ardor. A força enigmática haveria de ajudá-lo, pois, com todo o torpor da noite de orações no templo da cidade, esquecer-se de preparar qualquer papeleta, qualquer poema básico. Tudo teria de ocorrer na memória poética, agora insopitável, agora rediviva e atizada por toda a fornalha de combustível

orgânico da subsistência, da própria vida dos seus filhos, agora repousando na sua habilidade poética. Seu cérebro deveria operar no grau máximo e suas habilidades escondidas precisariam surgir como se pudessem abrir a porta de pedra de alguma caverna antiga. Quando um simples padeiro – que gostava da poesia e talvez a amasse – poderia auferir a mágica da composição enigmaticamente encantadora dos versos aquiescentes ao deleite de ouvidos e mentes que, por séculos, ouviam odes e trovas sempiternas e adoráveis acerca de tudo e sobre todos os assuntos? Que força misteriosa poderia desafiar os desígnios malditos alardeados a todo instante pelo homem de máscara preta e machado aterrorizante? Onde, no universo, os deuses da poesia estariam repousando, belos e lascivos, para apreciar tamanha chance de profligação para um pai e seus incautos filhos? O padeiro olhou para o céu desenrolou um rolinho de papel totalmente em branco por intermináveis cinco segundos, subiu a passos firmes os degraus de pedra e, olhando para os juízes, declamou:

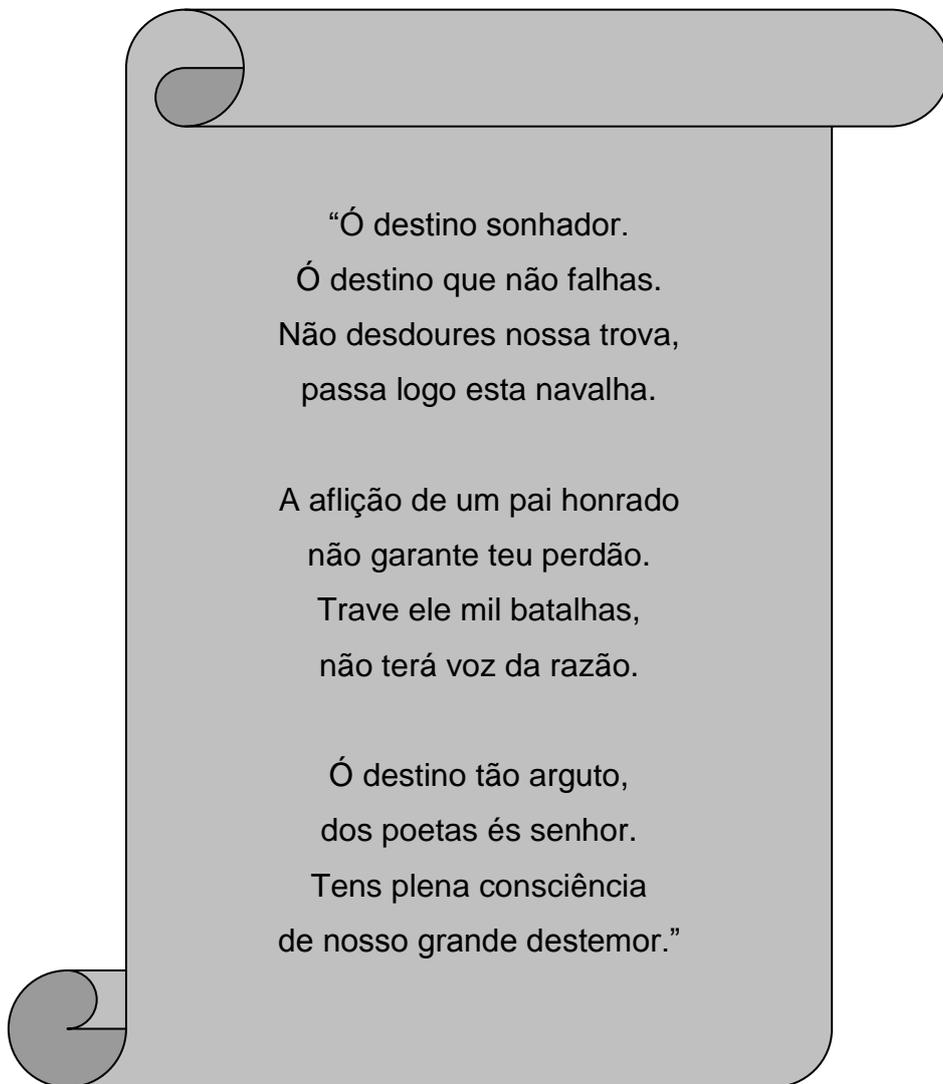
“Ó amor da minha vida.
Ó paixão tão destemida.
Quero amar teus belos olhos
em qualquer das minhas vidas.

Faço o pão e faço o amor.
Tenho as glórias da paixão.
Ó amor tão destemido,
que tragas a vida; não a dor.

Não te faças de rogado.
Ó amor nunca tisonado.
Sê doce e sê puro.
Ó amor tão cativado.”

A multidão explodiu, em uivos e hurras mais fortes do lado de Poetum, mas também do lado de Gaitum e proclamou em coro: “Já empatou! Já empatou!”.

Os juízes, aos acenos dos soberanos dos dois países, levantaram as mãos e indicaram o empate. Agora faltava uma chance para que Poetum – através de um homem simples como o padeiro – reafirmasse a veia poética e determinasse a vitória da vida sobre a punição estúpida da morte. O rapaz esguio, representante de Gaitum, subiu a escadinha do palco com um discreto sorriso nos lábios – quase um esgar – confiante e intrépido, na certeza da vitória premiada com sangue. Inflou o tórax e numa voz de altíssimo timbre declamou:



Fez uma mesura, o rapaz esguio, e a população de Gaitum caiu em palmas delirantes. Os juízes se entreolhavam e se remexiam agitados nos assentos. Uma coluna imensa de mocinhas com suas chapeletas brancas, e

rosas no lado esquerdo do peito, sorriam com as mãozinhas sobre os lábios. O padeiro, ora olhava para o infinito, ora fitava o carrasco e o rei de Poetum. O rei mantinha o semblante sério e esfregava os pés no piso de pedra, como se pretendesse sair dali correndo em disparada. O rei de Gaitum sorria ligeiramente e, agora, ouvia bem sonantes as palmas para a aprovação dos juízes que haviam aceitado o texto e que decidiriam, após a apresentação do padeiro, o destino da contenda. O padeiro não queria suar, mas suava. Seus pensamentos zuniam como abelhas à procura da colméia recém dissolvida. Toda a sua vida passava na sua mente, bem acima da sua testa, como se fora uma seqüência organizada de quadros do melhor pintor do reino. A infância, colhendo o trigo na fazendola do avô. O café da manhã, com leite quente e pão feito na fazenda. O mugido do gado agora parecia tão alto e real que ele olhou para o norte na direção da fazenda, agora arrendada e de onde vinham certamente os grãos de trigo para que ele trabalhasse o pão. Lembrou-se da professora que lhe ensinara a escrever e a ler, e também da dificuldade que tivera para ler alguma coisa com coerência. Lembrou-se dos amigos, dos tempos das aulas de leitura em que nunca chegaram a ler nada verdadeiramente. Lembrou-se de alguns animais que possuía. O seu primeiro cão. Um cavalo marrom que montava em pêlo e que, a galope, vazava os bosques atrás de javalis que nunca alcançara. Lembrou-se da mulher com quem se casara. Quase uma garota, e agora, em casa, uma senhora aos prantos pela espera do pior momento de suas vidas. Quis chorar, mas não chorou. Havia um público inquieto. Não era o momento para ser um simples ser humano. Esses serezinhos que perambulavam a qualquer hora e momento no interior da Padaria Central, vasculhando e fuçando tudo como se pudessem entender a nobreza de fazer o pão. A nobreza de trabalhar com aquilo que vai alimentar todo mundo, todas as pessoas do seu país. Ele sempre se considerara um desses humanos que flutuavam por todos os lados. Eis que andava a olhar outros ofícios por pura curiosidade animal.

Lembrou-se dos ensinamentos sobre a religião que no seu país gozava de liberdade. Lembrou-se do mestre Olsun que lhe falara dos deuses e da filosofia. Aprendera então que as pessoas não escolhiam a fé e sim, que a fé é que escolhia as pessoas. Os nascidos para a grande fé, estariam nela, nos bons e maus momentos. Ele nunca se definira neste campo nebuloso e, por via

das dúvidas, sempre honrava um deus ou outro de sua família. Deveria olhar para o lado da fé cega, essa que faz das pessoas mártires e santos? Procurou a força que o fazia andar e falar quando já nada controlava seu ser, antes razoável, mas que agora parecia gelatina. Para onde correr com a mente atormentada numa hora dessas, na qual o ruído do populacho chegava aos seus ouvidos como um rugido de realejo emperrado? “Tenho de agir... Tenho de falar bem... Ó deuses que administrais a criatividade universal. Ó mestres universais da palavra escrita e falada... Eu preciso de vós aqui e agora!”

Pensou num átimo enquanto altivo se dirigia aos juízes. Fez uma singela mesura, deu um passo... dois..., e a voz não saiu. Um murmúrio ecoou do fundo da multidão. Um calafrio percorreu-lhe a espinha dorsal. Fechara agora os olhos por um segundo. Os juízes se remexeram nos seus assentos acolchoados. Lembrava como se hoje fosse o dia na manhã de sol quando confeccionara as três canecas de madeira resistente e clara, para que os três filhos tomassem o leite da manhã. Podia ver agora mesmo, ante seus olhos, o “bigode de leite” do filho mais velho. Via também, bem vívida, a cena do dia em que o do meio caíra na sua primeira cavalgada – a aflição, até verificar que o tombo fora leve... “Tenho que achar as palavras, eu tenho **papel em branco**, mas elas terão que vir, uma a uma, até minha boca...” Atônito e hesitante, pensava por alguns instantes. Lembrava o som do réquiem indefinido, as comemorações do aniversário de dezoito anos do primogênito, festa que durara um dia e meio, com danças e música, regadas a vinho e deliciosas comidas preparadas pela esposa dedicada. “Como posso estar pensando nisso, agora que tenho de agir em poucos segundos?” Retesava o corpo buscando nos músculos fortes a ação que o organismo da fala se negava a detonar. Lembrava também da única execução que assistira; a cabeça pendurada num filete de tendão cervical, olhos de morto olhando para cima e sangue em profusão. Tudo era terrível de ser imaginado e não conseguia confrontar e comparar na sua mente a cena dos três filhos sentados à mesa de madeira com as canecas rústicas e pouco simétricas – esculturas primitivas em madeira – os bigodes de leite emoldurando os sorrisos infantis – com cenas de brutalidade inenarrável que poderiam emergir das sombras da derrota iminente.

Respirou fundo e a multidão junto inspirou com o pai padeiro. Deu mais um passo e declamou em tom altissonante:

“Da lisura fiz um pão,
escorreito e ajaezado;
e com pérolas da virtude
o cobri de doces prantos.

Pelo mundo vou andando,
sacio a fome com louvor.
Olho seres tão famintos
e mato a fome com amor.

Olho nos olhos desta gente,
Vejo ódio, vejo rancor.
Cedo o pão pra esta gente
Que caminha já sem dor.

Ó poesia que me enleva.
Ó poesia que governa.
Sê mãe, não madrasta
nesta hora tão incerta.

Rego a relva com meus prantos,
caso seja hora de desdita.
Faço um preito a todos eles
que de cima me protejam.

Ó coragem que eu não tinha.
Ó coragem, amiga minha;
vem aqui, senta a meu lado
e sê forte no caminho.

Todo homem tem um dia
pra ver a face do seu Deus.
Que este dia esteja longe

deste palco camafeu”.

A turba caiu em delírio:

“Pai poeta! Pai poeta!”

Gritava e batia palmas enquanto os juízes se levantavam fazendo o sinal de vitória para o padeiro. O rei de Poetum levantouse e, num arroubo de simplicidade, correu para abraçar o homem que havia salvado as vidas em risco e a reputação poética do reino. Furioso, o carrasco lançara seu machado contra um arbusto próximo. As mocinhas fizeram apupos estridentes em direção ao homem de máscara preta que saiu em marcha acelerada. O rei de Gaitum permanecia sentado e quieto, quando o rei de Poetum pediu a palavra.

– Senhores e senhoras:

Venho agora em público, após ligeira conferência com meu ministério, decidir, por unanimidade, o oferecimento ao prezado reino de Gaitum de um contrato para a importação do nosso maravilhoso papel e, principalmente, o nosso papel de pão que poderá ser entregue em branco na sua totalidade ou com quantidades variáveis, de nossas maravilhosas e abençoadas poesias, para deleite de nosso povo vizinho e amigo. Peço ainda uma salva de palmas para todos os habitantes do reino de Gaitum.

O soberano de Gaitum levantou-se atônito, mas com a face alegre de quem poderia aumentar suas exportações de pão, satisfazendo um antigo desejo de toda a população do seu país.

Meu lema é: “QUEM FAZ POESIA NÃO MATA E NÃO MORRE”.

Vejam assim que a poesia e o pão, a fabricação do pão, são os meus ofícios. De uma forma que não sei explicar muito bem tornei-me um ser atemporal. Viajo no tempo e na história. Agora estou aqui em Brasília para conhecer todos vocês e encontrar um “Pai Poeta” Candango para ser meu amigo do peito, e usar a poesia como ferramenta para abrir os caminhos deste mundo.

Siga meus passos, compreenda meus pensamentos, complete minhas poesias e seja um “Pai Poeta” campeão.